

Os Jornais Como Instrumentos Pedagógicos E Forma De Pensar A História: Uma Análise Dos Jornais Chapecoenses Da Década de 1950.

Scheila Maria Bolzan

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

scheilambolzan@gmail.com

Gerson Wasen Fraga

Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

gwfraga@terra.com.br

Resumo

Por muito tempo o jornal não foi visto com bons olhos pelos historiadores como fonte histórica, a partir da terceira geração da escola dos Annales é que surgiu o reconhecimento e a nova possibilidade de investigação. Ao trabalhar com jornais, preocupados com uma leitura adequada das fontes é necessário tomar uma série de cuidados ao analisar os periódicos. A proposta do trabalho é compreender a forma de olhar para a imprensa escrita como fonte de pesquisa histórica, buscando identificar nos periódicos chapecoenses da década de 1950 as forças políticas e seus discursos. Percebendo que estes não são um veículo neutro dos acontecimentos, mas sim que seus discursos demonstram os interesses dos quais os jornais estão vinculados. Daremos destaque a questões de para quem os discursos eram produzidos, e qual o seu objetivo ao atingir o leitor. Além de fazermos uma análise de questões metodológicas de como utilizar os jornais, também temos a intenção de compreender quem eram os leitores dos jornais estudados e como os três meios de comunicação surgiram e ganharam fôlego em suas discussões políticas na cidade.

Palavras-Chave: Jornais. Chapecó. Discursos. Imprensa Escrita.

Introdução

Trabalhar com jornais enquanto fonte histórica é ter a convicção de que nem sempre os jornais buscam retratar a verdade dos fatos, principalmente por fazerem interpretações muito particulares dos acontecimentos, com uma carga de subjetividade, sentimento ideológico e cultura. É trabalho de o historiador compreender e fazer a leitura adequada do impresso, percebendo as ideologias do jornal estudado, seus objetivos com o público leitor, possíveis vinculações políticas e quem são seus idealizadores. Além disso, Espig (1998) e Elmir (2012) chamam atenção para a forma adequada para fazermos a leitura do jornal, somos leitores extemporâneos e críticos de seus discursos, sendo assim a melhor maneira de nos colocarmos é como leitores empíricos, lendo uma escrita feita para leitores-modelos. O jornal é riquíssimo de detalhes enquanto fonte histórica, mas a crítica in-

terna deve ser feita de forma adequada, fica claro que os jornais não são imparciais e neutros, eles adotam posturas geralmente bem definidas, e formam opiniões voluntárias ou involuntárias que influenciam o leitor e a sociedade.

É neste sentido, atentando para os cuidados com o trabalho dos periódicos enquanto fonte histórica, que o presente artigo busca fazer um resgate da metodologia utilizada na pesquisa com jornais, para que possamos compreender e trabalhar de maneira adequada com os semanários que circularam em Chapecó durante o início da década de 1950. Onde analisaremos os três jornais “*A Voz de Chapecó*”, “*O Imparcial*”, e o “*Jornal do Povo*”. Possibilitando a compreensão dos motivos que levaram a criação dos determinados jornais, quem eram os proprietários e colaboradores destes. Percebendo a ligação política que os mesmos tinham e como foram influentes no meio social de Chapecó durante este período.

Importante destacar que 1950 foi o ano de eleições que mudaram o cenário político Chapecoense, onde novos grupos políticos emergiram e venceram as eleições. Sendo assim, houve a necessidade de os líderes dos partidos criarem seus próprios jornais para defender suas ideologias. Assim surgiram “*O Imparcial*” e o “*Jornal do povo*”, ambos vieram para desconstruir a imagem do colonizador da cidade, de sua família e amigos que estiveram à frente da administração pública até a presente eleição. Com a criação de dois novos periódicos, foi possível perceber acalorados debates, sobre política e urbanidade, nas páginas destes surgiram então dois artigos intitulados “Amigos da Onça” e “Desmemoriados”, um sendo resposta a crítica feita pelo outro jornal, e se estendem por algumas edições dos periódicos com retaliação e comentários pesados sobre os grupos adversários.

Durante o presente trabalho temos o objetivo de além de apresentar questões metodológicas sobre os periódicos, também destacar a história da imprensa em Chapecó, mostrando sua ligação política e os interesses em modernizar a cidade, daremos destaque para os artigos “Amigo da Onça” e “Desmemoriados” que geraram polêmica e fizeram florescer questões da cidade, da sociedade chapecoense e da administração pública deste período.

A imprensa também é uma fonte histórica

Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época.

A Imprensa registra, comenta e participa da história. Através dela se trava uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes[...] Compete ao historiador reconstituir os lances e peripécias dessa batalha cotidiana na qual se envolvem múltiplas personagens. (CAPELADO, 1988, p. 13)

A imprensa nos possibilita compreendermos o passado, percebendo o dia a dia da sociedade, e os percursos traçados pelo homem, entender como viviam e como era o cotidiano das sociedades passadas, percebendo não apenas personalidades de destaque, mas sujeitos anônimos que por vezes passavam despercebidos pela história. Vai além de informação repassada aos seus leitores, em alguns momentos da história ela ganha também um caráter de formadora de opinião. É neste contexto que os periódicos podem ser percebidos com um cunho histórico, possibilitando uma análise mais crítica e minuciosa do que está escrito nas páginas dos jornais. Cabe ao historiador fazer a observação adequada de tudo que é publicado, ao se colocar como um leitor extemporâneo, precisa fazer o estranhamento dos fatos e a interpretação correta. Hoje os jornais são fontes confiáveis de pesquisa histórica, mas para que isso ocorresse foram necessários anos de estudos mostrando que seria possível o trabalho com a imprensa, para isso precisamos compreender, segundo Capelato (1988) que os fatos publicados nos periódicos são fabricados e não dados, desconstruído a ideia que tinha no passado de que se estivesse no jornal era verdade absoluta.

Para que seja possível um trabalho adequado e coerente com as fontes jornalísticas, são utilizados alguns preceitos metodológicos fundamentais. Entre eles, Capelato (1988) nos orienta que tomemos cuidados com os jornais, é crucial que conheçamos o objeto de estudo ao qual estamos desenvolvendo a pesquisa. Sendo assim, precisamos identificar quem são os proprietários deste meio de comunicação, e qual o objetivo que motiva as publicações no periódico. Outra questão que permeia ao trabalharmos com a imprensa, de modo especial com a imprensa escrita é ter convicção de que os jornais precisam conquistar seu público e para isso em alguns casos mesclam interesses políticos e lucrativos para conseguirem se manter ativos e seduzir seus leitores. Neste contexto, muitas vezes percebemos o sensacionalismo presente nas páginas dos impressos, com objetivo de atingir corações e mentes para obter lucros. Precisamos ter consciência de que a imprensa pode ser vista como um instrumento de manipulação de interesses, sendo assim é fundamental reconhecer os personagens que trabalham na produção das informações da época em que o jornal foi produzido, para que, segundo Capelato (1988, p. 21) tenhamos uma história mais viva e humana.

Para além de compreender o editorial do jornal, Luca (2010) alerta para a necessidade de entender a motivação da publicação, e o destaque que foi dado a ela. Para que então possa ser percebida a abrangência que tal notícia pode causar, gerando ou não crítica e construção de ideário social. Ou seja, os discursos proferidos pelos jornais podem ganhar diferentes significados dependendo da abordagem e visibilidade que é dado pelo editorial, tendo também relação com o público leitor deste jornal. Preocupados em atingir e cativar os leitores, ao mesmo tempo dar destaque a informações relevantes, entramos em algo já citado anteriormente, a relação de tornar o jornal atraente para que seja viável a manutenção financeira do mesmo.

Pensando em sua manutenção financeira, Luca (2010) chama atenção para a preocupação com a publicidade, que pode dar rosto a um jornal, onde muitas vezes a necessidade de se manter o periódico acaba ligando-o a ideologia de seus patrocinadores. Porém a publicidade também pode nos falar muito sobre a sociedade:

Os anúncios são uma maneira de vender produtos, anunciar eventos, noticiar situações comerciais, e neste sentido parecem dizer respeito apenas à relação de compra e venda, ao mercado. Entretanto, é fundamental perceber que as relações econômicas ultrapassam a mera realização dos negócios: a economia é parte constitutiva da cultura de uma comunidade, e o comércio reflete, mas também age sobre a comunidade. Os anúncios são negócios em andamento, ou por se realizar; são também, um modo de vida a se revelar, prioridades, desejos e possibilidades estampadas nas páginas dos jornais. (JUNIOR, 2007, p. 101)

É pelo que foi anunciado que podemos compreender questões cotidianas de uma sociedade. Fazendo uma observação a longo prazo de um periódico ou de vários periódicos que circulavam na cidade é possível perceber o consumo desta, bem como a modernização da indústria e do comércio da urbes. Fator que está atrelado também a modernização do espaço urbano como um todo.

Para além do que foi destacado até o momento, outra questão que merece atenção na pesquisa com jornais, é em alguns casos, a ligação destes com ideologias e partidos políticos. Barbosa (2007) comenta que o jornal exerce direta ou indiretamente sua função política, e o jornalista fica responsável pela articulação intelectual através do poder social que o meio de comunicação detém, constituindo desta forma o senso comum a partir de ideias vendidas nas páginas dos jornais. Zicman (1985, p. 91), ao narrar a história da imprensa do Brasil, destaca que durante as décadas de 1940/1950 a imprensa primava pela posição política, esta característica foi chamada de “Imprensa

de Opinião” onde apresentava traços políticos e ganhava a função ativadora da opinião pública. É uma característica dos jornais chapecoenses, que são estudados nesta pesquisa. Onde os três periódicos que circulavam na cidade durante o início de 1950 de alguma forma estavam ligados a partidos políticos e trabalhavam para defender as ações de seus partidos.

A história dos Impressos em Chapecó

Chapecó é uma cidade do Oeste Catarinense, que da mesma forma que toda a região Oeste do Estado, deu início ao processo de colonização acentuado nos primeiros anos do século XX, após o fim da Guerra do Contestado. Sua história política ganhou maior relevância em 1890 com a delimitação das fronteiras entre Brasil e Argentina, no que seria hoje o Oeste Catarinense, com a criação da Colônia Militar de Xanxerê, pertencente aos Campos de Palmas. Foi assim que ocorreram as primeiras ocupações de imigrantes no “Velho Chapecó”. Apenas nas primeiras décadas do século XX devido às definições de limites territoriais entre Paraná e Santa Catarina, com o fim da Guerra do Contestado em 1916, é que de fato iniciou as intensificações do processo de colonização da região. Neste contexto, no ano de 1918 a Companhia Colonizadora Bertaso, Maia e Cia recebeu concessão das terras pelo governo do Estado, para iniciar a ocupação e colonização da região. Isso por conta da necessidade que o governo sentia de fazer investimentos na região, que até então era constituída por mata e ocupada prioritariamente por caboclos e indígenas. Chapecó recebeu sua emancipação político-administrativa no ano de 1917 e com a chegada das companhias colonizadoras intensificou o processo de ocupação de imigrantes, na sua maioria vindos do Rio Grande do Sul. A Família Bertaso, na figura do Coronel Ernesto Bertaso, se consolidou e ganhou visibilidade social e política.

O poder chapecoense, desde a criação do município, em 1917, até por volta da metade da década de 1950, caracterizou-se por um forte mandonismo local, que se identifica com aspectos do coronelismo brasileiro. O poder político do município, durante esse período, esteve na maior parte do tempo nas mãos dos coronéis ou de pessoas ligadas a eles. A sua dominação tinha por base a supremacia econômica e os laços de dependência. A estrutura de dominação e as formas de controle social faziam parte de uma cultura social e política resultante das relações de poder da época, em que o público e o privado eram complementares. (HASS, 2013,p.33)

Foi durante este período chamado por Hass (2013) de “mandonismo local” que surgiu a imprensa escrita em Chapecó, com ideologias bem delimitadas, de acordo com ideias que eram defendidas pelos grupos políticos ligados aos donos dos três jornais. O primeiro jornal que surgiu em Chapecó foi *A Voz de Chapecó*, que teve sua criação no ano de 1939, os sócios proprietários deste semanário eram o Coronel Ernesto Bertaso, como já citado anteriormente foi responsável pelo processo de colonização de Chapecó e muito respeitado por parte da população local. Junto com ele o Juiz Antônio Selistre de Campos e o advogado Vicente da Cunha, ambos amigos de longa data da família Bertaso. Ao observamos as páginas do periódico fica claro que o objetivo deste era defender a administração que governou Chapecó até 1950 e os interesses do PSD. Nas eleições de 1947 foi criado em Chapecó o *Jornal d' Oeste* ligado a UDN (União Democrática Nacional) e se colocava contrário ao jornal *A Voz de Chapecó*, e ao PSD porém este acabou sendo extinto no ano seguinte às eleições.

Com o pleito eleitoral de 1950 novamente surgiu concorrência ao jornal *A Voz de Chapecó*. As eleições de outubro de 1950 mudaram o cenário político local, o PSD que até então comandava o município, perdeu as eleições para a coligação - UDN, PTB, PRP e PSP- a coligação apoiava Getúlio Vargas no âmbito nacional e elegeu José Miranda Ramos do Partido Trabalhista Brasileiro como novo prefeito de Chapecó. A derrota do PSD, chamado por Hass de “[...] derrota dessa elite industrial e comercial” (HASS, 2000, p. 233) não teria afastado este grupo do poder político, apenas colocou um novo grupo político à frente da administração. Neste contexto de mudanças surgiu em Chapecó nos dois primeiros meses do ano de 1951, novos jornais ligados à coligação política que venceu as eleições. Seriam eles o *Jornal do Povo*, inaugurado na data 19 de janeiro de 1951, foi criado tendo como fundador o advogado e servidor público Carlos Danilo de Quadros, sendo de propriedade de Rubens de Carvalho Rauen, presidente do diretório municipal do PSP, e *O Imparcial*, criado em 25 de fevereiro de 1951, ligada ao partido União Democrática Nacional (UDN) e ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), fundado pelo coletor federal Paulo Marques e Alexandre Tiezzerini, era ligado as famílias Pasqualoto, Belani e Cansian - figuras tradicionais até hoje-.

Segundo Hass, “O controle dos meios de comunicação também se constituía numa importante estratégia dos grupos chapecoenses que controlavam o poder político municipal” (HASS, 2000, p. 179). Este controle político se mostrou presente por alguns anos nas páginas dos semanários locais, onde a disputa de poder se intensificou após as eleições de 1950. A criação de mais dois jor-

nais locais ligados a partidos políticos trouxe acalorados debates políticos e artigos que renderam várias edições dos jornais. Na tentativa de mostrar o trabalho realizado pela antiga gestão municipal ligada ao PSD, o jornal *A Voz de Chapecó* se apresentou forte e convicto de suas ideias, ao mesmo tempo defendia a imagem da família Bertaso e atacava a situação representada pela administração de José Miranda Ramos. Do outro lado tínhamos o jornal *O Imparcial*, que defendia a administração de José Miranda Ramos e buscava denegrir a imagem da oposição.

Percebemos que os jornais que circularam em Chapecó durante as décadas de 1940 e 1950, estavam atrelados a partidos políticos locais e tinham a função de importante estratégia política de dominação, dos grupos que disputavam o poder local. Porém achamos importante destacar que o jornal *A Voz de Chapecó* nos anos que seguiram sua fundação não tinha caráter político, como podemos perceber em uma publicação de homenagem a passagem do aniversário de *A Voz de Chapecó* feita pelo concorrente *Jornal do Povo* no ano de 1951:

[...] O aludido periódico, cujo primeiro número saiu a 3 de Maio de 1930 não tinha feição política partidária, suspendeu sua publicação em 3 de Setembro de 1941, voltando a circular a 29 de junho de 1946, ao tempo do Território Federal do Iguaçu, de que Chapecó fez parte, continuando sua orientação de apartidarismo até 23 de julho de 1950, data em que passou a ser órgão de propaganda dos candidatos do Partido Social Democrático, para as eleições, que se realizaram em 3 de Outubro do ano passado. (JORNAL DO POVO, 1951, np)

Os *Jornal do Povo* e *O Imparcial*, também surgiram mostrando seu caráter político, ambos apoiadores da nova administração, formada pela coligação (PTB/UDN/PSP/PRP). Porém, é possível constatar uma diferença entre ambos, enquanto *O Imparcial* toma um caráter mais ofensivo e crítico sobre a oposição, os assuntos políticos, sociais e culturais. O *Jornal do Povo* deixa clara sua posição e faz críticas, mas a partir de certo momento começa a dar maior atenção às questões estaduais, nacionais e internacionais. Este é considerado por jornais de fora de Chapecó como sendo mais moderno e menos envolvido com questões políticas:

[...] Dos 3 jornais, que levam, às notícias para todos os recantos, simpatizamos de saída com o << Jornal do Povo >>, de feição moderna e formato grande, sob a orientação de nosso amigo s.r. Danilo de Quadros, por se esforçar lealmente para manter equidistante de política, enquanto a << Voz de Chapecó >> e o << Imparcial >>, apesar do nome, tem cor política mais acentuada. (RHODAN, 1951, np)

O trecho é de uma reportagem publicada pelo jornal “O Noticioso” da cidade de Carazinho, do vizinho estado do Rio Grande do Sul, na edição de 12/07/51, quando comenta uma visita à cidade de Chapecó, a mesma foi publicada na íntegra pelo “Jornal do Povo”. De fato, quando fizemos a leitura das poucas edições do jornal que foram encontradas nos arquivos de Chapecó, percebemos um menor envolvimento político do *Jornal do Povo*.

Será possível perceber um pouco do que se apresentava nos jornais na sequência do trabalho, com a análise de alguns artigos publicados logo após a nova administração assumir a prefeitura da cidade, entre eles alguns intitulados “Amigos da Onça” e “Os Desmemoriados”.

Dos desmemoriados aos amigos da Onça: a rivalidade política da cidade de papel

Chapecó viveu momentos conturbados durante o início da década de 1950, em outubro de 1950 ocorreram eleições que mudaram o cenário político local como já comentamos anteriormente, uma disputa acirrada entre PSD, UDN e PTB levou pela primeira vez na história do município a eleição de uma pessoa não relacionada a família Bertaso e aos interesses da elite industrial e comercial. E dias após as eleições ocorreu um linchamento de quatro pessoas em praça pública, motivado pelo incêndio da Igreja Católica da cidade, os fiéis enfurecidos e buscando justiça invadiram a cadeia e cometeram o crime. Segundo Monica Hass (2000) o linchamento pode ter sido motivado por questões políticas que envolviam as eleições daquele ano.

Levando em consideração a proporção dos acontecimentos em uma cidade que não passava de uma pequena vila, e da repercussão do Linchamento, os animos da população estavam alterados. Foram veiculadas inúmeras matérias nos jornais nacionais e estaduais sobre o acontecimento de Chapecó. Tinha-se em mente que a imprensa local precisava mudar a visão da cidade que começou a ser vista negativamente pelos olhos do resto do Estado. Porém os primeiros meses do ano de 1951 não foram nada reconfortantes para os leitores dos jornais, o que se percebeu foram inúmeras publicações apimentadas que disseminavam a discórdia política na cidade. Isso nos faz perceber que as questões partidárias envolvendo as eleições de 1950 foram intensas, e que os egos feridos ficaram marcados nas páginas dos jornais.

Logo nas primeiras edições de fevereiro começam a ser percebidas as colunas que vinham com objetivo de atingir determinados grupos políticos. Uma delas foi publicada pelo jornal *A Voz de Chapecó* em 11/02/1951 dias após a posse do novo prefeito da cidade e tinha como título “**Não somos tão maus assim...**”:

Enquanto a marca está quente é interessante que seja registrado, no limiar desta nova fase política da vida de Chapecó a nota destoante, no almoço oferecido, ser côm partidária (segundo os convites que nos foram dirigidos), ao prefeito José de Miranda Ramos, candidato pelo Partido Trabalhista Brasileiro e apoiado pela UDN, PSP e PRP.

Trata-se do discurso pronunciado por um representante udenista em nome não sabemos se dos partidos coligados contra o PSD ou dos que concorreram para o banquete. É que, valendo-se de uma oportunidade não partidária e, a título de dizer que o udenismo chapecoense não pretende perseguir ou amesquinhar ninguém, descambou para o ataque ao governo cujo mandato se estava extinguindo, bem como, aos que representavam essa situação até o momento do discurso.

Falando do seu alto espírito democrático, o orador deixou-se levar por velhos recalques e, o desejo de acerto de contas superou os próprios conceitos que pretendeu emitir, como representante de uma nova era de arejamento político. Não entendemos bem tal incoerência é, dada inoportunidade de tais conceitos, não contestamos ao orador pela consideração merecida por parte de autoridades não partidárias presentes, e mais ao objetivo da homenagem de que participamos.

Não temos polêmica a manter, somente desejamos dizer que o silêncio não constitui aquiescência às suas palavras, mas respeito às pessoas que de espíritos desprevenidos foram participar da homenagem prestada ao candidato vitorioso.

Mais longe iríamos não fosse o incidente ter sido sanado pelo próprio homenageado que, de público, expressou seus agradecimentos ao PSD pela maneira como fora tratado durante a campanha política. Viu-se, logo, que nem para todos os possedistas de Chapecó foram tão maus. (L.V.F, 1951, np)

Vemos que os ânimos já estavam alterados logo na posse do novo prefeito da cidade, a publicação da reportagem foi feita pelo jornal *A Voz de Chapecó* de oposição ao prefeito que recebia a administração pública naquele momento. E sentiram-se descontentes com o pronunciamento realizado durante o cerimonial, pois segundo o jornal teriam atacado a oposição e a antiga gestão pública. Esta foi uma das primeiras de muitas publicações de ataque e defensiva que viriam a ser veiculadas nos impressos da cidade durante meses do ano de 1951. O conflito começou a ficar tenso após a publicação de duas colunas intituladas “Desmemoriados” e “ Por falar em desmemoriados”, a primeira publicada no jornal *A Voz de Chapecó* e a segunda que veio como resposta à primeira e publicada no jornal *O Imparcial*. Os ataques não eram direcionados a uma pessoa específica, o alvo dos editores do jornal era claramente o partido político e seus membros. A posição partidária de ambos os jornais estava estampada em cada edição, não era um problema na época mostrar sua ideologia e assumir um partido político, era na verdade uma solução encontrada por estes grupos, ter um meio de comunicação para defender seus ideais e o partido perante a sociedade foi uma estratégia em Chapecó. Observamos a coluna “Desmemoriados”:

Após a mudança das posições políticas na administração pública não só do Estado, como deste município, começaram a aparecer aqui certos desmemoriados.

Alguns, embora assim os consideremos, realmente não perderam a memória, pela simples razão de que nunca a possuíram. São os eternos demagogos, descontentes e derrotistas, que de nada entendem, nada querem ver, nada lhes serve.

Essa classe de inibidos mentais procura num esforço sobre-humano sobressair-se, mas seus métodos são a deturpação de fatos, os ataques mesquinhos, as mentiras deslavadas, por lhes faltarem méritos de educação, cultura e outros que os tornem merecedores da consideração pública.

Para esses seres, verdadeiramente infelizes, o passado não existe.

Não têm futuro definido e certo, porque o amanhã dependerá, para eles, da conveniência de seus interesses materiais, já que a moral, a lógica, a ética, lhes são completamente inúteis.

Interessa-lhes o presente e por isso tomam agora, atitudes de chefetes, orientadores mirins da opinião pública, salvadores da pátria amada.

Em qualquer ocasião, não importa seja o momento impróprio [...] O assunto é sempre o mesmo: culpar os homens, o governo e o partido dominante, na passada administração, porque todos os problemas de interesses da coletividade não foram resolvidos.

Por não possuírem memória, não lembram aos ouvintes que já fizeram parte daquele mesmo partido, que muitas vezes elogiaram e endeusaram aqueles mesmos administradores que hoje atacam; que graças ao elevado espírito público daqueles homens, conseguiram emancipações político-administrativas de distritos; que, enfim, uma grande parte de serviços públicos foram resolvidos, atendidos, melhorados e encaminhados.

Para nós esses pobres mentais, que sofrem de amnésia, nos inspiram piedade porque não sabem o que dizem. São desmemoriados. (OS DESMEMORIADOS, 1951, p.1)

A rivalidade do momento fica estampada nas páginas dos jornais, as críticas e defesas ocorrem de forma intensa, com um único intuito denegrir a imagem de seus opositores políticos. Na publicação o que chama atenção é o descontentamento em ver que aqueles que já foram aliados hoje são inimigos do partido, falando que “endeusaram aqueles mesmos administradores que hoje atacam”, o título desmemoriados é no sentido de lembrá-los dos fatos. A partir de fevereiro de 1951 foram intensificadas as publicações nas edições principalmente dos dois jornais, com apimentados e fortes debates. Isso ocorre com menos intensidade no *Jornal do Povo*, que apenas publicou alguns artigos de Roberto Machado, e não fazia comentários muito significantes sobre o assunto, pois apesar de apoiar a nova administração, tinha na lista de seus articulistas nomes como Antonio Selistre de Campos, ligado ao trabalhismo, mas que era apoiador e amigo de muitos membros da oposição,

e por anos esteve à frente do jornal *A Voz de Chapecó*. Abaixo observamos um trecho do artigo “Por falar em Desmemoriados” publicado como parte da resposta aos ataques dos adversários:

Por falar em Desmemoriados: e as histórias **Serão** contadas

Para hoje, concluindo a nossa promessa de contarmos certas histórias, teremos a oportunidade de relatarmos a terceira e última de uma série.

Refere-se ela a seguinte frase, empregada pelo snr. articulista d’ “Voz de Chapecó” em artigo publicado na edição de 18 de março do corrente ano: “Todas as contas estavam pagas...”

Afirmativa do snr. articulista não é verdadeira, porque, conforme demonstraremos, a Prefeitura Municipal devia diversas quantias, a diversos.

Nosso intuito, como já tivemos ocasião de afirmar, não é outro que não o de esclarecer o POVO sobre certos atos da administração do MAJORITÁRIO que, segundo dito articulista, foi um “mar de rosas”! e um “exemplo” a ser seguido. Em nossos artigos, como nossos leitores poderão testemunhar, não visamos pessoas. Procuramos, isto sim, demonstrar que os fatos não se passaram como que à toda força, o srn. autor do artigo. “Última dose aos desmemoriados” “impingir” aos menos avisados [...] (NÓS OUTROS, 1951, np)

O artigo é assinado por Nós Outros, ou seja, um pseudônimo para não identificar o autor da publicação. No trecho acima percebemos que o tempo todo a pessoa que escreve o texto se preocupa em afirmar que o jornal não ataca pessoas específicas, mas busca apenas mostrar a verdade distorcida, lembrando seus adversários que a administração anterior também cometeu equívocos. Porém não é o que parece ao fazermos a leitura na íntegra da edição do periódico, que por várias vezes se direciona a família Bertaso para fazer ataques como podemos perceber em outra coluna chamada de “Amigos da Onça”:

[...] Por sua vez, o Dr. Serafim Bertaso, um outro vereador eleito, ainda não se dignou a comparecer na Câmara de Vereadores no corrente ano de 1951! Notem bem, senhores, notem bem! O Dr. Serafim Bertaso, por mais absurdo que pareça, ainda não foi a uma reunião sequer, da Câmara de Vereadores de Chapecó, neste ano, e, nem ao menos tomou posse! O absurdo é tão grande que merece o nosso comentário, embora, modesto! Eis aí, portanto, um representante do povo chapecoense que não merece ser representante de povo algum nem de qualquer tribo africana, quanto mais de nossa gente! Para que se candidatou, se não pode e nem quer zelar pelo bem coletivo? Por que não renuncia, já que nada faz como vereador e só está tomando o lugar de outro que talvez faça alguma coisa? [...]

Sei que no próximo domingo sairão em campo os bajuladores, os adoradores de todos os deuses, os que fazem discursos de elogio rasgado e hipócrita a todos os néscios, as mariposas de todas as lâmpadas, e tentaram inutilmente iludir o povo afirmando ser falsa a minha afirmação! Mas para o povo que lê os meus artigos eu digo o seguinte: provo tudo o que disse acima [...] (MACHADO, 1951, p.1).

O advogado Roberto Machado, que foi um grande crítico a antiga administração e da família Bertaso, ao escrever o artigo intitulado *Amigos da Onça*, publicado no *O Imparcial*, criticou o presidente da Câmara de Vereadores e o vereador Serafim Bertaso, o primeiro por não comparecer a sessão afirmando que foi motivado por problemas de saúde, quando na verdade estava trabalhando para seu próprio interesse particular. E o senhor Serafim por até maio não ter comparecido em nenhuma sessão da Câmara, nem mesmo ter sido empossado. Sendo mais enfático ao afirmar que tinha convicção que no próximo domingo sairiam publicações sobre o assunto, vindas dos bajuladores e adoradores de todos os DEUSES. Pois sabe que os mencionados são pessoas que possuem prestígio social. Da mesma forma fala “O Brasil de hoje não admite mais a existência de deuses humanos. Que parem com essa mania de que o Dr. Serafim Bertaso não pode errar, pois ele é humano, como qualquer de nós, e como todos sujeito aos erros mais grosseiros!” (MACHADO, 1951b, np). Nesse mesmo sentido de difamação ocorreu uma divulgação intencional do mesmo meio de comunicação impressa, sobre um projeto de lei aprovado pela Câmara, que isenta as companhias colonizadoras de pagar impostos territoriais ao município. E novamente percebeu-se uma desmoralização da figura de Serafim Bertaso, por ser ele um dos colonizadores.

A população de Chapecó já estava cansada de tanta rivalidade, e da baixaria divulgada nos jornais, assim encaminharam uma carta aos três jornais da cidade:

[...] Vamos abrir, entretanto, uma exceção a uma circular, sem lhe endossar os conceitos, que recebemos quinta-feira última, pelo correio, não só porque acreditamos terem sido enviadas cópias idênticas aos nossos colegas desta cidade, conforme consta no início da referida circular, porque igualmente entendemos que esses ataques contra tudo e contra todos, muito embora alguns não sejam “contra pessoas vivas ou mortas”, só trazem prejuízos ao bom nome do município de Chapecó, que outrora sempre gozou de boa reputação.

Eis os dizeres do referido escrito, na íntegra:

CIRCULAR

A Voz de Chapecó - Imparcial e Jornal do Povo.

Para o bem estar e tranquilidade da família chapecoense imploramos aos articulistas: Desmemoriados,... e por falar em desmemoriados etc. A terminarem com suas polêmicas.

Com os acontecimentos de Chapecó e as polêmicas que os procedem ao longe se conclui, que de fato é terra de ninguém habitada por cangaceiros, como diz o louco machado.

Em, português mais claro: aqui roubaram, mataram e incendiaram e os jornais locais só falam em roubos, o que se pode dizer ao longe desta terra? Pelos escritos se deduz a conduta do povo.

Botem uma pedra em cima a tudo isto, sem dó e sem dor, virem à folha e tratem de assuntos, que direta ou indiretamente, alivie a aflição de Chapecó, este pobre Chapecó, que ao longe sua fama é tão triste como tristeza de Jeremias, que chorava as tristezas de Jerusalém, sentado, sobre os escombros das muralhas.

Assim entendem Rio- Porto Alegre e Palmas.

Alcançando o que desejamos mais tarde será tudo esclarecido, por hora.

Amém. [...] (UMA EXCEÇÃO, 1951 p. 1).

A população local já não suportava mais ler tanta desmoralização nas páginas dos jornais, em todas as edições encontrava-se algum tipo de ofensa ou crítica aos opositores. O trecho acima foi encaminhado por um leitor, na tentativa de tentar amenizar a situação, ele inclusive comentou que os colunistas deveriam pensar o que seria falado sobre Chapecó fora da cidade, para quem lê-se as reportagens logo teria a ideia de uma gente desordeira e polêmica, nas entrelinhas ele tenta chamar atenção para que a visão que se tinha sobre Chapecó no pós linchamento já era negativa, e com toda essa perseguição política que estava ocorrendo só iriam piorar e ficar ainda mais desmoralizada. Era hora de parar e rever o que estava sendo divulgado na mídia impressa da cidade, para que tentassem os influenciadores sociais por meio das palavras jornalísticas reorganizar e acalmar a população local.

Considerações Finais

Olhamos para Chapecó, uma cidade do interior do Oeste Catarinense, que durante a década de 1950 era pacata e com uma quantidade reduzida de habitantes. Os primeiros anos desta década passaram por incidentes que movimentaram as colunas jornalísticas, e repercutiram negativamente. Não estamos falando apenas do Linchamento que foi um acontecimento marcante na história local, mas também das questões políticas muito inflamadas, devido aos sentimentos de rivalidade estas ganharam destaque maior do que deveriam. Os dois grupos políticos que se organizam para concorrer às eleições de 1950 se mostraram de tamanha rivalidade, e se utilizam da mídia para denegrir a imagem e o trabalho de seus adversários. Vemos a importância social dos meios de comunicação na formação da ideia coletiva da sociedade, são influenciadores e capazes de gerar ou apaziguar conflitos. Em alguns momentos da história os jornais como meios de comunicação impressa, tiveram es-

tritamente vinculados a partidos políticos e serviram como interlocutores das ideologias destes partidos. Sendo criados e apresentados suas ideias com muita força, na tentativa de convencer e conquistar o maior número de leitores e apoiadores para estes partidos. Em Chapecó fica claro que o jornal *O Imparcial* foi criado com o propósito de apoiar a administração de venceu as eleições e as siglas partidárias que o apoiavam -UDN e PTB-, em contrapartida o *A Voz de Chapecó* que já estava circulando a alguns anos na cidade e até então não tinha caráter político, muda seu foco e começou a atacar e defender ideias políticos ligados ao PSD e a família Bertaso que era alvo de constantes ataques. A intensidade em que ocorreram estes debates nas páginas dos jornais mostrou que política em Chapecó perpassa questões públicas e ligadas ao bem comum do povo e acabou ganhando um viés de ataque a partidos e coligações políticas. Por isso da importância de compreendermos a forma como trabalhar com jornais, para que seja possível identificar, nas entrelinhas das publicações fatos e informações. Sabemos da riqueza das fontes jornalistas e das inúmeras possibilidades de trabalho sobre o assunto, sendo assim deixamos algumas questões em aberto, para que possam ser discutidas em futuros trabalhos.

Fontes

Jornais

A VOZ DE CHAPECÓ. **Jornal do Povo**. Chapecó, 06 de jul. de 1951.

L.V.F. Não somos tão maus assim.... **A Voz de Chapecó** . Chapecó, 11 de fev. de 1951.

MACHADO, Roberto. Os Amigos da Onça. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 13 de maio de 1951a.

MACHADO, Roberto. Verdade e Abaixo- assinados. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 20 de maio de 1951b.

NÓS OUTROS. Por falar em Desmemoriados: e as histórias Serão contadas. **O Imparcial**. Chapecó 10 de jul. de 1951.

OS DESMEMORIADOS. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 18 de fev. de 1951.

RHODAN, Ervino. Crônica de Chapecó. **Jornal do Povo**. Chapecó, 04 de ago. de 1951.

UMA exceção. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 17 de jun. de 1951.

Referências

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

ELMIR, Claudio Pereira. Uma aventura com o Última Hora :O jornal e a pesquisa histórica. In: **anos 90**. Porto Alegre, v.19, n.36, p. 67-90, dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/31063> acessado em: 11 de fevereiro de 2021.

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. In: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, V. XXIV, n.2, p. 269-389, dezembro 1998. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/27266> . Acessado em : 07 de junho de 2021.

HASS, Mônica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo do poder local 1945 – 1965**. Chapecó: Argos, 2000.

HASS, Mônica. **O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó, 1950-1956**. Chapecó: Argos, 2013.

JUNIOR, James William Goodwin, **Anunciando a civilização: imprensa, comércio e modernidade de fin-de-siècle em diamantina e juiz de fora, mg**. **História e imprensa**, São Paulo, n.35, p. 97-117, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2207/0> acessado em 07 jun. 2021.

LUCA, Tania Regina de“ A história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.